

---

## Um multiverso de vilania: analisando a personagem Killmonger na série animada *What If...?*(2021)<sup>1</sup>

Tamara Lopes de SOUSA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### RESUMO

Killmonger é uma personagem que surgiu nos quadrinhos e ganhou destaque no mais premiado filme da Marvel até hoje, *Pantera Negra* (2018), sendo o vilão da trama. Apesar de ser colocado em oposição ao protagonista, esta personagem traz em suas falas importantes pautas do movimento negro estadunidense. Em 2021, surge a série de animação *What if...?*, que se propõe a abordar outras versões de personagens conhecidas do multiverso da Marvel, entretanto, mesmo em uma realidade alternativa, Killmonger se mantém como vilão. O artigo se propõe a analisar as possíveis motivações para manter a personagem nessa perspectiva negativa, investigando de que forma a branquitude corroborou para este fato.

**PALAVRAS-CHAVE:** Killmonger, *What if...?*, representação, análise fílmica, branquitude.

### INTRODUÇÃO

Desde 2008, com o lançamento de *Homem de Ferro (Iron Man)*, a Marvel vem se destacando no mercado cinematográfico com a produção de adaptações de suas HQs mais famosas nos Estados Unidos. Foram muitos os filmes e as séries desde então, mudando o cenário da indústria cinematográfica, lançando novos produtos audiovisuais a cada ano e não existe uma previsão de interrupção desse contexto. Um dos filmes que mais mobilizou o público, levando milhares de pessoas ao cinema e que mais recebeu críticas positivas, chegando a concorrer ao Oscar de Melhor Filme em 2019, foi *Pantera Negra* (2018). Esse sucesso fez com que os produtores investissem mais em *Wakanda* e suas personagens, com a possibilidade de realização de novos produtos audiovisuais.

E antes mesmo do segundo filme ir para o cinema, surgiu a série animada *What if...?* (2021), que trouxe de volta T'Challa e Killmonger, respectivamente protagonista e vilão de *Pantera Negra*. A proposta da série era apresentar o conceito de multiverso da

---

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará. Email: tamaralopesfotografa@gmail.com.

---

Marvel, que surgiu nas Histórias em Quadrinhos (HQs), e adaptá-lo para a linguagem audiovisual. Com essa ideia de universos múltiplo, é possível rever várias outras personagens que apareceram nos filmes desde 2008 até 2021 sobre outra perspectiva e outro formato (a animação).

Algumas personagens foram adaptadas para o desenho de uma maneira bastante fiel ao conteúdo produzido em *live action*, com ilustrações que lembravam muito os atores que originalmente encarnaram aqueles papéis nas telas. E os atores dos filmes foram dubladores das animações.

Entretanto, mesmo com um visual bem parecido, a personalidade e forma de ser no mundo de muitos desses heróis foram modificadas de acordo com o universo em que cada um apareceria. Alguns exemplos são: Thor, deus nórdico e membro da equipe dos Vingadores, que era um sinônimo de responsabilidade e seriedade nas primeiras adaptações para o cinema, virou um boêmio inconsequente em outro universo, sendo o episódio em que ele aparece o mais cômico de toda a temporada; em uma realidade paralela, os poderes do “soro do supersoldado” que nos filmes deram origem ao Capitão América, foram transferidos para a Capitã Carter, criando uma nova aventura com uma mulher protagonizando; T’Challa, herdeiro de Wakanda que amava e protegia seu território em *Pantera Negra*, virou um aventureiro intergaláctico sem uma terra fixa.

Cada uma dessas personagens obtiveram versões distintas das originais, entretanto uma delas que era vilã no filme *live action Pantera Negra* foi retratada com a mesma função narrativa nos episódios da animação: Erik Killmonger continuou representado como uma pessoa maldosa e, dessa vez, com mais tempo de tela, revelando uma maior manipulação e frieza em suas atitudes.

Ao contrário do filme, onde suas motivações são bem delineadas e visam a reparação histórica de seu povo que foi e é constantemente marginalizado, na animação o que existe é uma trama de vingança sem tanto fundamento, sem uma razão bem definida, que culmina em ambições genéricas de dominação mundial como o que ocorre com a maioria dos vilões da cultura pop.

Este trabalho visa compreender as causas da manutenção dessa personagem como vilã, mesmo em um contexto que pretendia mostrar outros aspectos e outras realidades, uma vez que essa personagem poderia surgir em um contexto totalmente diferente. Então as perguntas dessa pesquisa são: por que Killmonger é sempre o vilão

---

mesmo em uma narrativa que visa apresentar universos diferentes? A raça/etnia das/os realizadores, roteiristas e diretoras/es pode influenciar na construção das histórias?

Os objetivos, são, portanto, analisar a construção da personagem Killmonger, seus aspectos narrativos, suas motivações na trama, comparando com o filme no qual ele foi conhecido no formato audiovisual, bem como conhecer quem são as pessoas que escreveram os roteiros e dirigiram os episódios em que essa personagem aparece na série *What if...?*, avaliando se existiu ou não em algum momento um processo de racialização para a elaboração desta personagem.

### **Metodologia do trabalho**

Em meio a uma pandemia<sup>3</sup> que assombrava a população mundial, foi lançado na plataforma *Disney +* a série *What if...?* que mencionamos anteriormente. Um acalando para os fãs da Marvel e um sinônimo de lucros para os donos da empresa. Os episódios mais esperados por muitas pessoas eram os relacionados ao filme *Pantera Negra*, visto que foi o filme de história de herói solo com mais relevância até então. Logo no segundo episódio da primeira temporada, vemos um universo onde T'Challa não seria o rei de Wakanda, mas o Senhor das Estrelas. No sexto episódio, é a vez de Killmonger retornar, mas com as mesmas nuances de vilão, apenas seguindo um caminho diferente para alcançar seus objetivos. E no nono e último episódio da temporada, os dois se encontram para enfrentar um vilão comum.

---

3 Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a COVID-19 como pandemia, uma vez que estava se propagando em todos os países do planeta. No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, até 04 de agosto de 2023 foram contabilizados 704.794 óbitos pelo coronavírus.



Poster da série *What If...?*. Disponível em

<<https://sixdegreesofgeek.com/wp-content/uploads/2021/08/What-If-poster.jpg>>. Acesso em 07 de agosto de 2023.

Como metodologia para a elaboração desse artigo, utilizamos o conceito de análise filmica de Penafria (2009), para decompor o roteiro, com foco nos aspectos da construção da personagem Killmonger nos episódios 6 e 9 da série. Não serão descritos os pormenores de cada um desses episódios, apenas os aspectos de maior relevância e as frases mais significativas das personagens. Vale ressaltar que essa análise é feita de forma subjetiva, ou seja, está intrinsecamente ligada ao ponto de vista da autora do texto.

Dialogando com as impressões pessoais da autora, estarão presentes autores como bell hooks (2019), Fanon (2008), Cida Bento (2022), dentre outros, a fim de identificar, interpretar e analisar as maneiras pelas quais pessoas negras são retratadas nos objetos dessa pesquisa, comparando também com outras representações em outros filmes e animações da Marvel, e perceber como a branquitude arquiteta um arcabouço teórico e imagético no qual homens negros são subjugados à categoria de vilões, agressivos e maldosos.

Além dessa análise bibliográfica com foco nos estudos interseccionais, afrodiaspóricos e decoloniais para avaliar quais são as nuances que comprovam o esvaziamento do discurso sobre negritude e reparação histórica, dialogaremos com

---

Anaz (2020), Cândido (2007) e Campos (2011) para fundamentar os aspectos de construção do roteiro e da personagem para a série animada.

### **Killmonger: o eterno vilão**

A personagem Killmonger surge nos quadrinhos do Pantera Negra como uma espécie de “vilão espelho”, ou seja, um opositor do protagonista com praticamente as mesmas características físicas e poderes que o herói com a grande diferença de ser ruim. Super força, agilidade sobre humana e uma grande inteligência eram características comuns tanto em Killmonger quanto em T’Challa (Pantera Negra). Em sua primeira aparição nos HQs, Killmonger queria dominar Wakanda, pois aquele território possuía grandes riquezas. Seus objetivos eram tão genéricos quanto a maioria dos vilões dos quadrinhos: o poder.

Quando os quadrinhos foram adaptados para o cinema, o então vilão também sofreu algumas adaptações: ele não era apenas mal, ele tinha uma motivação por trás de suas atitudes. Ao pensar sobre essas adaptações, é interessante perceber quem estava por trás da produção e direção desse roteiro. O diretor de *Pantera Negra* (2018) é Ryan Coogler, um homem negro que cresceu em Oakland, Califórnia, berço do Partido dos Panteras Negras.

Oakland [...] viu um enorme fluxo de negros americanos durante a grande migração, trazidos pela promessa de empregos em fábricas e estaleiros e fugindo das leis Jim Crow. A população negra do condado de Alameda explodiu de 19759 pessoas no Censo de 1940 para 238754 no Censo de 1960, com muitos negros vivendo em Oakland. E ainda que de alguma forma a vida fosse melhor do que no Sul, o povo negro ainda enfrentava alto desemprego, segregação imobiliária forçada e discriminação racial nas cidades do Norte, Meio-Oeste e Oeste. (WALKER, 2021, p. 22)

Crescendo em um local ambientado por um histórico de lutas do Movimento Negro estadunidense, Coogler trouxe características interessantes para a personagem Killmonger: assim como o diretor/roteirista, o vilão cresceu em Oakland, viu de perto as angústias de dores de crescer perto da brutalidade policial e da injustiça e preconceito contra o povo negro. Em uma das primeiras falas de Killmonger no filme, percebemos que ele compreende o que foi a colonização e as marcas que elas deixaram para a população negra. O que ele deseja é conquistar Wakanda, ter acesso ao Vibranium (metal mais poderoso nessa ficção) e reparti-lo com “seus irmãos”.

---

Essa ideia de repartir riquezas muito se assemelha a figuras da história, das ficções e mitologias que queriam “fazer o bem”. Um exemplo é a personagem Robin Hood, conhecido por “roubar dos ricos para dar aos pobres”. Mesmo com essa roupagem “malandra”, essa personagem sempre foi retratada como herói. Então, por que Killmonger seria um vilão?

Segundo Campos (2011, p. 154):

Vilão é personagem errado, perverso, talvez feio e vestido de preto, mas com certeza repulsivo e mau. Vilão é personagem que narrador e espectador amam condenar, adoram odiar, distante de quem querem estar, com quem não querem se identificar e que, enfim, querem ver desmascarado, punido e infeliz.

Killmonger, como o próprio nome já enfatiza, é um assassino: ele tem o corpo todo marcado por cicatrizes e cada uma delas representa uma pessoa que ele matou. Essa era sua maneira de intimidar seus inimigos e representar sua força. Ao longo do filme, percebemos que ele não possui escrúpulos para alcançar seus objetivos: ele mata a própria namorada, mata o comparsa, ao chegar em Wakanda, queima toda a plantação de uma erva sagrada para seu povo, não respeita os anciões de sua terra e desdenha da importância das mulheres do reino. Ele reflete bem a ideia de “homens negros perigosos” atribuída pela branquitude.

Na Europa, o Mal é representado pelo negro. É preciso avançar lentamente, nós o sabemos, mas é difícil. O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral. Ficaríamos surpresos se nos déssemos ao trabalho de reunir um grande número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados a falar em vão do “problema negro”. (FANON, 2008, p. 160)

Em contraponto a esse conceito apresentado por Campos, o ator Chadwick Boseman, que interpretou o protagonista Pantera Negra no filme homônimo de 2018, afirma que ele é que era o vilão.

Na realidade, eu sou o inimigo. É o inimigo que sempre conheci. É o poder. É ter o privilégio. Ele [Killmonger] é afroamericano e, portanto, está tentando encontrar uma conexão com suas origens na África. Você vê essa busca no filme. Tem um pouco de Ryan [Coogler] em Killmonger e eu me sinto da mesma forma. Não sei se nós, como afroamericanos, aceitaríamos T'Challa como nosso herói se ele não passasse por Killmonger. Porque Killmonger

---

passou pelas nossas dificuldades e eu, T'Challa, não. (CANHISARES, 2018, s.p.)

Killmonger traz em suas falas marcas dessa dificuldade e suas motivações buscam uma reparação aos danos causados pelo colonialismo. Sem falar a palavra “negro”, ele quer que “seus irmãos” tenham armas para autodefesa. Entretanto, ele quer por si só conseguir essa transformação, ou seja, ele quer ser o *salvador* de seu povo.

### **E se... Killmonger fosse vilão de novo?**

Como mencionado anteriormente, *What if...?* é uma série de animação que traz novas perspectivas sobre personagens que já apareceram em algum momento nos filmes e/ou séries da Marvel. São visitados universos diferentes daquele apresentado nos produtos audiovisuais, criando uma nova persona para cada personagem de acordo com cada ruptura no tempo.

Entretanto, Killmonger permanece como vilão, mas dessa vez, sem a roupagem e o discurso de reparação histórica. Ele quer dominar Wakanda, mas não conseguimos compreender o motivo. Em *"E se... Killmonger tivesse resgatado Tony Stark?"*, sexto episódio da terceira temporada de *What if...?*, conhecemos uma história onde Tony Stark foi salvo por Killmonger do atentado terrorista que faz com que ele vire o Homem de Ferro no filme homônimo de 2008.

O episódio é repleto de cenas de ação com um tom parecido com séries policiais, onde um ar de mistério fica envolto às personagens. Na trama, o milionário da indústria armamentista, Tony Stark, está visitando um território no Afeganistão, quando é salvo por Killmonger. Ele fica extremamente grato ao soldado e faz com que ele se aproxime mais de seu cotidiano. Aos poucos, Killmonger vai revelando a Tony que algumas pessoas que estavam próximas ao milionário eram na verdade seus inimigos, o que acaba gerando uma maior confiança entre os dois.





Tony Stark e Erik Killmonger em What If...?. Disponível em

<<https://www.tbqtalks.com/content/images/2021/09/Now-Kiss.png>> acesso em 10 de agosto de 2023.

Tony percebe que Killmonger é bastante inteligente e os dois iniciam um projeto juntos. A partir do vibranium, eles criam um robô capaz de substituir soldados em guerra. Entretanto, tudo não passava de um plano de Killmonger para se apropriar das tecnologias de Stark, vencer o Pantera Negra, acusar terceiros da morte do Pantera Negra, adentrar Wakanda como um “filho pródigo”, conquistar a confiança do Rei e, dessa forma, se tornar o sucessor do trono.

Diferente do filme de 2018, a personagem faz isso por ambições megalomaniacas de poder que são mais abordadas nos episódios 9 e 10, onde ele é capaz de trair toda uma equipe só para ser a pessoa mais poderosa do multiverso. Ele, portanto, se perde do que seria fundamental para ele no filme *Pantera Negra*: a reparação histórica de seu povo.

Killmonger, na série, corresponde ao estereótipo do “homem negro violento”. Almeida define como *preconceito racial*

“o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos”. (ALMEIDA, 2020, p. 32)

E esse juízo de valor está diretamente relacionado ao olhar que a branquitude tem sobre as pessoas não-brancas. Existem inúmeros exemplos no cinema de vilões negros que seguem essa lógica. Nos filmes de herói, podemos citar o Rei do Crime,



---

interpretado pelo ator Michael Clarke Duncan em *Daredevil (Demolidor – O Homem sem Medo)* de 2003. No cinema nacional, podemos citar Zé Pequeno, interpretado pelo ator Leandro Firmino em *Cidade de Deus* (2002). Em ambos os exemplos, temos por trás das telas homens cis brancos dirigindo e roteirizando os filmes. E a maior parte das pessoas que compõem a indústria cinematográfica são dessa raça e gênero, que consciente ou inconscientemente acabam reproduzindo preconceitos raciais e racismo.

Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas – bairros, guetos, bantustões, periferias etc. – e/ou à definição de estabelecimentos comerciais e serviços públicos – como escolas e hospitais – como de frequência exclusiva para membros de determinados grupos raciais. (ALMEIDA, 2020, p. 34)

Dessa maneira, ocupando poucos espaços na indústria cinematográfica, poucos projetos eram realizados com uma presença relativamente grande de pessoas negras. O que não era diferente na Marvel que, só em 2018, teve um projeto totalmente diferente da lógica vigente, contando com pessoas negras tanto no elenco quanto na produção, direção e roteiro do filme.

Para Cida Bento

urge definir e implementar políticas concretas de “equidade”, relacionadas à gestão democrática, com seus mecanismos e tecnologias modernas de comunicação e participação para a mudança desse cenário. Nesses programas, a equidade deve aparecer como um valor na definição da missão da organização, seja ela pública, seja privada, bem como essa preocupação deve estar evidente nos princípios que orientam sua existência. (BENTO, 2022, p. 108)

Se no filme *Pantera Negra* contávamos com uma direção, roteiro, produção, preparação de elenco e atores majoritariamente composta por pessoas negras, na adaptação da personagem Killmonger para um dos universos de *What if...?* não aconteceu o mesmo, colocando Bryan Andrews, um homem branco, diretor de filmes de ação que não possui um histórico de películas preocupadas com pautas sociais, para adaptar a personagem para a animação, sem que houvesse um cuidado com traços de

---

personalidade que tornaram Killmonger um ícone emblemático para a população negra em geral.

Observamos que a branquitude atua de forma garantir a manutenção de seus discursos mesmo em narrativas tidas como afrodiaspóricas, como é o caso do filme *Pantera Negra* e dos episódios onde Killmonger é retratado em *What if...?*.

Sobre o conceito de branquitude, Cida Bento afirma que

em sua essência, diz respeito a um conjunto de práticas culturais que são não nomeadas e não marcadas, ou seja, há silenciamento e ocultação em torno dessas práticas culturais; Frankenberg chama atenção para a branquitude como um posicionamento de vantagens estruturais, de privilégios raciais. É um ponto de vista, um lugar a partir do qual pessoas brancas olham a si mesmas, aos outros e à sociedade. (BENTO, 2022, p.62)

Com um olhar para além do que é posto nas telas, analisando principalmente a construção de personagem, roteiro e direção, é possível perceber como a branquitude é capaz de esvaziar discursos e reduzir personagens densas como Killmonger, saindo de uma construção de personagem esférica, com várias camadas, para uma personagem plana, vilanesca e megalomaniaca, sem quaisquer preocupações com o contexto social de onde veio, sendo mal apenas porque assim o é.

Sobre a forma como as pessoas negras eram vistas e representadas em produtos audiovisuais, bell hooks afirma que

Quando a maioria das pessoas negras nos Estados Unidos teve a primeira oportunidade de assistir a filmes e à televisão, fez isso totalmente consciente de que a mídia de massa era um sistema de conhecimento e poder que reproduzia e mantinha a supremacia branca. Encarar a televisão, ou filmes comerciais, envolver-se com suas imagens, era se envolver com sua negação da representação negra. Foi o olhar opoitor negro que reagiu a essas relações de olhar criando o cinema negro independente. (hooks, 2019, p. 213)

Ou seja: a partir da mobilização de pessoas negras é que surgiram exemplares de filmes e produtos audiovisuais que transmitissem um conteúdo positivo ou minimamente destoante das imagens que eram estabelecidas pela branquitude do que era *ser negro* na sociedade estadunidense. Como afirma bell hooks (2019, p. 61), “amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser”.

---

## Considerações finais

Mesmo possuindo mais tempo e protagonismo em uma narrativa, Killmonger teve a pauta que carregava no filme de 2018 totalmente apagada na animação *What If...?*, e esse fato é atribuído à ausência de um diretor negro para a composição dessa personagem nessa versão no multiverso da Marvel.

Este cenário pode comprovar que é preciso ter a presença de pessoas negras nas estruturas de tomadas de decisões para que os estereótipos sobre os corpos de homens negros seja removido das narrativas e que novas histórias sejam contadas sob a perspectiva dessas pessoas.

*Pantera Negra* foi um filme que conseguiu reconhecimento mundial graças a pautar o imaginário sobre pessoas negras com mais dignidade, mostrando que essas pessoas também são potentes, bonitas e capazes de realizar inúmeros feitos. Quando nós falamos sobre nós utilizando nossas próprias vozes, um novo horizonte se abre para novas interpretações e cenários positivos sobre pessoas negras.

## REFERÊNCIAS

ANAZ, Sílvio Antonio Luiz. **Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, [S. l.], v. 47, n. 54, p. 251-270, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/159964>. Acesso em 20 de junho de 2023.

ARAÚJO, Joel Zito. **A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual**. Revista USP, São Paulo, n. 69, p. 72–79, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13514>. Acesso em 20 de junho de 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo. Companhia das Letras, 2022.

BOTELHO; JUNIOR GERALDES. Joyce Luiza Alves; Gutemberg Alves. **A derrota do herói: a constituição arquetípica da personagem Killmonger no filme Pantera Negra**. Revista Temática. UFPB. Paraíba, 2019.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. Rio de Janeiro. Zahar, 2011.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo. Perspectiva, 2007.

---

CANHISARES, Mariana. **Pantera Negra é o inimigo do filme, diz Chadwick Boseman**. Omelete, 2018. Disponível em <<https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-e-o-inimigo-do-filme-diz-chadwick-boseman>>. Acesso em 18 de junho de 2023.

COLETTI, Caio. **What If...? | Killmonger retorna em episódio intenso com ótimas cenas de ação**. Omelete, 2021. Disponível em <<https://www.omelete.com.br/marvel-cinema/what-if-episodio-6-recap>>. Acesso em 07 de agosto de 2023.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador. EDUFBA, 2008.

hooks, bell. **Olhares Negros. Raça e Representação**. Rio de Janeiro: Elefante, 2019.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes – Conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, 2009. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2022.

WALKER, David F. **O Partido dos Panteras Negras**. São Paulo. Conrad Editora, 2021.